

**CAPITAL TRADUTOLÓGICO E A
DEFESA DA LÍNGUA MIRANDESA**

Sérgio Ferreira e Cláudia Martins

CAPITAL TRADUTOLÓGICO E DEFESA DA LÍNGUA MIRANDESA

Sérgio Ferreira

(Instituto de Sociologia da FLUP)

Cláudia Martins

(Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança & CLLC-UA)

Resumo

As línguas minoritárias enfrentam barreiras internas e externas que impedem o seu desenvolvimento, devido à sua natureza de línguas e culturas não dominantes e à sua fraca representação (e representatividade) na política e na sociedade. A tradução de literatura canónica da cultura ou religião dominantes para a língua minoritária é de importância fulcral para a afirmação destas línguas, assim como para o acesso aos mais diversos meios de comunicação. A Catalunha surge como um exemplo de forte investimento na função destes meios e na utilização do catalão na rádio, televisão, teatro e cinema, a par da tradução que ocorre nestes meios (i.e. legendagem, dobragem e audiodescrição). Para além disso, não se deve negligenciar o peso da ciberesfera, que possibilita às línguas minoritárias entrarem no mundo virtual, por meio de blogs, páginas da Wikipedia, redes sociais e afins.

Em 1999, estabeleceu-se legalmente o reconhecimento oficial dos direitos linguísticos da comunidade mirandesa, aproximadamente 100 anos depois de Leite de Vasconcelos ter produzido a obra *Estudos de Filologia Mirandesa*, evidenciando a ancestralidade e importância desta língua de origem asturo-leonesa. (cf. Vasconcelos, José Leite, 1900-1901). Depois desta data, o enquadramento legal para o mirandês e a sua normalização linguística foram estabelecidos, nomeadamente por meio do seu acordo ortográfico, que consolidou o ensino da língua. Quinze anos depois, em 2014, a Associação de Língua Mirandesa (ALM) foi refundada e transferida de Lisboa para Miranda do Douro, com o propósito de fomentar a investigação e o ensino da língua, assim como recolher e preservar o património imaterial, no qual a tradução não está diretamente implicada. Desta forma, na nossa perspetiva, ainda se vislumbra a necessidade de introduzir uma forte política linguística, dentro da qual um Departamento de Tradução possa estar inserido, com vista à revitalização da língua e à consolidação da sua literatura. Identifica-se também a ausência de um corpo de tradutores profissionais que sejam simultaneamente proficientes em português e em mirandês, uma vez que o ensino do mirandês se restringe grandemente a Miranda do Douro e como disciplina optativa. No entanto, a tradução de português e outras línguas estrangeiras para mirandês é desenvolvida por uma elite intelectual que investe nesta atividade aliada, por vezes, à produção também em mirandês. Este é o caso de Amadeu Ferreira, um académico de destaque que deixou de estar entre nós em março de 2015 e foi responsável por um número substancial de obras. O seu percurso é de particular relevância, não só porque o mirandês acusava a ausência de literatura canónica traduzida, na linha do que existe em português, mas também de literatura ficcional, sem deixar de referir obras de referência em termos

lexicográficos e gramaticais. No cômputo das suas obras, são de referir a tradução para mirandês dos “Quatro Evangelhos”, “Lusiadas” de Luís Vaz de Camões e “A Mensagem” de Fernando Pessoa, obras de Horácio, Virgílio e Catulo e aventuras de Astérix. A par da tradução, escreveu igualmente ficção sob pseudónimos, que possibilitaram a expansão do património literário em mirandês. Colaborou ainda com meios de comunicação social regionais e escreveu textos em diversos blogs.

Neste contexto, o nosso projeto direciona-se para a recolha de informação relativa a todas as obras traduzidas para mirandês, destacando as línguas das quais foram traduzidas, os tradutores que as realizaram e os seus perfis. Este exercício permitir-nos-á refletir criticamente sobre as obras que foram eleitas para tradução, as razões que possivelmente ditaram esta escolha e o impacto que estas produziram nesta comunidade linguística com aproximadamente 10 000 falantes. Todo este esforço de tradução e produção literária tem adiado o desaparecimento do mirandês, que tantos previam que já se tivesse verificado; mas será o mirandês capaz de sobreviver no século XXI?

Palavras-chave

Línguas minoritárias; política linguística; mirandês; tradução de literatura canónica; tradução para línguas minoritárias; Amadeu Ferreira.

Abstract

Minority languages encounter internal and external barriers that hinder their development, due to their nature of non-dominant languages and cultures and their feeble representation in politics and in society. The translation of canonical literature of the mainstream culture or religion into the minority languages is of the utmost importance in asserting these languages, as well as in having access to various means of communication. Catalonia appears as an example of strong investment in the role of these media and in the use of Catalan in the radio, television, theatre and cinema, along with the translation that takes place in these contexts (i.e. subtitling, dubbing and audio description). Apart from this, we can not overlook the part played by the cyber sphere, which enables minority languages to enter the virtual world, through blogs, Wikipedia pages, social networks, and the like.

It was only in 1999 that Mirandese was acknowledged as one of the official languages in Portugal, alongside Portuguese and Portuguese Sign Language, approximately 100 years after being “discovered” by Leite de Vasconcellos, the Portuguese philologist who related Mirandese to its Asturo-Leonese origin.

After 1999, the legal framework and language standardisation for Mirandese were set up, namely by means of a spelling convention allowing for the consolidation of the teaching of this language. Fifteen years later, the Association for Mirandese Language and Culture was refounded and transferred from Lisbon to Miranda with the purpose of encouraging research and language teaching, as well as collecting and preserving immaterial heritage, in which translation is not directly implied. Therefore, from our viewpoint, there is still the need to introduce a strong language policy, in which a Translation Department could be included with a view to revitalising the language and consolidating its literature. A body of translators is also absent from this context, translators that are simultaneously proficient in Portuguese and Mirandese, since the teaching of Mirandese is still greatly restricted to Miranda do Douro and is offered as an optional subject. However, the translation from Portuguese and other foreign languages into Mirandese has been developed by an intellectual elite who invests in this activity,

occasionally in tandem with the production in Mirandese. This was the case of Amadeu Ferreira, an outstanding scholar who passed away in March 2015 and was responsible for a considerable number of works. Amadeu is particularly relevant not only because Mirandese lacked translated canonical literature, in line with what existed in Portuguese, but also fictional literature, without neglecting lexicographical and grammatical reference works. Among his works, we should mention the translation into Mirandese of “The Four Gospels”, “The Lusiads” by Luís Vaz de Camões and “The Message” by Fernando Pessoa, works by Horace, Virgil and Catullus and the adventures of Astérix. Besides translation, he also wrote fiction under several pseudonyms, which enabled the expansion of Mirandese literary heritage. Amadeu Ferreira also collaborated with local social media and produced texts in numerous blogs.

Our project aims at gathering information about all the works that have been translated into Mirandese, highlighting the languages from which they were translated, the translators who carried them out, and their profiles. This exercise will allow us to critically reflect upon the works that were selected to be translated, the possible underlying reasons for this choice and the impact that these had on the language community with circa 10,000 speakers. All this translation and literary effort has been postponing the disappearance of Mirandese, which has been foreseen by so many, but will Mirandese be able to survive the 21st century?

Keywords

Minority languages; language policy; Mirandese; translation of canonical literature; translation into minority languages; Amadeu Ferreira.

1. INTRODUÇÃO

Canto Purmeiro

1

Aqueilhas armas i homes afamados
 Que, d’Ocidental praia Lusitana,
 Por mares datrás nunca nabegados,
 Passórun par’alhá la Taprobana,
 An peligros i guerras mui sforçados
 Mais do que permitie la fuorça houmana,
 I antre giente de loinge custruírun
 Nuobo Reino, que tanto angrandecírun
 (“Ls Lusíadas”, 2010 tradução de Fracisco Niebro)

No contexto das línguas minoritárias, é amplamente reconhecido que a tradução assume uma vertente de extrema importância (e.g. Cronin, 2003). Atualmente, o seu papel pode ainda ser subestimado, mas assume-se como uma frente fundamental de defesa da língua mirandesa. Assim, a tradução pode enquadrar-se numa política de planeamento linguístico, sendo necessário compreender as práticas de tradução na sua função de

revitalização de uma língua minoritária com uma literatura recente escrita, numa possível dupla vertente de tradução-acumulação e tradução-consagração (Casanova, 1999; Dantas, 2007).

Para além do processo de reforço da legitimação e valorização de uma língua, o planeamento linguístico visa provocar “a deliberate intention to influence ‘the behaviour of others with respect to the acquisition, structure, or functional allocation of their languages codes’ ” (Cooper, 1989 cit. Millán-Varela, 2010, p. 156). Na linha de Cooper (1989), defendemos que a tradução tem assumido para as línguas minoritárias uma função de reforço de estatuto, de instrumento de trabalho e ensino e de valorização simbólica da língua e dos seus falantes. Desta forma, a língua mirandesa necessita da tradução como um mecanismo central de manutenção de um mercado linguístico interno, mas também participando de forma digna e legítima num mercado externo, a par das outras línguas dominantes, especialmente o português, e de outras línguas minoritárias no quadro europeu.

Ninguém colocará em causa a riqueza linguística do mirandês. No entanto, o seu passado linguístico multissecular reporta-se maioritariamente a um legado de uma língua popular não escrita, que, após os tímidos registos escritos produzidos durante todo o século XX, vê, no dealbar do século XXI, o reconhecimento oficial dos seus direitos linguísticos dotada de uma convenção ortográfica e de um inequívoco crescendo na sua comunidade de escrita. A sua natureza de “língua oficial” é definitivamente discutível; contudo, esta não é uma questão para ser aprofundada neste trabalho.

A nova literatura mirandesa de base escrita surge assim associada a uma criação literária prolífica, mas também assente em inúmeras traduções emergentes nos últimos 15 anos. Neste sentido, a tradução emerge como um instrumento eficaz de salvaguarda de um património linguístico fixado e vertido em antigas e novas áreas do conhecimento. A elite intelectual mirandesa, fluente nas duas línguas em contacto, entende que a tradução de obras diferenciadas, mas conhecidas de todos, permitirá à língua mirandesa sobreviver de outro modo, recuperar novas matrizes de expressão e (re)criar uma identidade que se perdia na oralidade, ou que se remetia ao recôndito e a um vasto arquivo de recolhas e registos desse tesouro cultural.

Sabemos, à partida, que as traduções para a língua mirandesa permitiram novas formas de expressão que alargaram os horizontes culturais e mundivisões até ao momento

não projetadas nesta língua. Veja-se o exemplo da banda desenhada, do romance histórico, ou paradoxalmente, de “Os Lusíadas”, aparentemente nos antípodas da realidade cultural das comunidades agrícolas do interior português. Será o próprio Amadeu Ferreira (2011) que reflete sobre o espírito do tradutor desta obra:

(...) ao traduzir *Os Lusíadas*, o ponto de partida é culturalmente português, mas em quase tudo afastado da realidade mirandesa propriamente dita, mesmo sem ter em conta que estamos perante uma obra do século XVI:

- *Os Lusíadas* trazem-nos uma realidade marítima, uma cultura da navegação, uma terminologia do mar, quando é sabido que o mirandês nunca viu o mar, pois mesmo o rio que lhe passa à porta nunca foi navegável;
- trazem igualmente uma cultura urbana, que só muito recentemente chegou às terras de Miranda, e coisas muito simples podem criar problemas ou apresentar-nos armadilhas [veja-se o caso do uso da palavras *ervinhas*, por um urbano e um rural, que é completamente diferente. Exemplo, o episódio de Inês de Castro];
- a forma como *Os Lusíadas* são tributários da cultura greco-latina, dos seus mitos e dos seus deuses é tão estranha à língua mirandesa como talvez o fosse para a língua portuguesa na altura em que *Os Lusíadas* foram escritos [não esqueçamos que Camões usa em *Os Lusíadas* centenas de palavras que o português não conhecia e ele formou a partir do grego e do latim], daí que a atitude do mirandês não pode ser muito distinta daquela que na altura foi a do português.

Neste trabalho, o nosso objetivo foi questionar o “recente” fenómeno das traduções realizadas para a língua mirandesa que inevitavelmente se impõe como forma de entender a sua função, os seus autores, mediadores e difusores. Foi esta a motivação que norteou a elaboração do questionário para os tradutores que aqui apresentamos, juntamente com a discussão dos seus resultados e que surgirá no final deste texto. No entanto, será necessário realizar o enquadramento da língua mirandesa, na primeira parte, seguido da explicitação de diversos conceitos de Pierre Bourdieu (1998), pertinentes para esta temática, na segunda parte, e, por fim, a referência à presença das línguas minoritárias nos Estudos de Tradução.

2. LÍNGUA MIRANDESA

O fim do monolinguismo português é declarado oficialmente em 1999 com a integração da língua mirandesa como uma das línguas oficiais em Portugal. Derrubado este mito, cedo se impôs a necessidade de legitimar e revalorizar a língua mirandesa perante os portugueses e os próprios mirandeses. Com a Lei n.º 07/99, de 29 de janeiro, enquadrando legalmente a existência da língua mirandesa, alteraram-se também as fronteiras da própria

identidade mirandesa-portuguesa e clarificou-se o multissecular “problema ideológico-político” (Ferreira, 2002, p. 65), fundado na unificação do mercado linguístico nacional através do falso monolinguismo.

Reconhecendo-se a existência de várias línguas no plano nacional (não esquecendo a Língua Gestual Portuguesa), afigura-se que esta riqueza linguística encontrava-se em situação desigual de poder e de estatuto. Apesar do bilinguismo e da diglossia instável dos mirandeses, a língua não parecia existir com uma plena funcionalidade social e linguística, ou seja, permanecia a noção de que as trocas linguísticas dos sujeitos estarão sempre sujeitas às lógicas de um mercado linguístico, que introduz um conjunto de sanções e censuras próprias de um espaço social e linguisticamente desigual.

Senão vejamos: segundo Merlan (2009), a língua mirandesa assume-se como uma língua minoritária, sem Estado, oficial por Lei (1999). No cenário atual, assume-se como sendo uma língua usada por um reduzido número de pessoas, cerca de 5 000 falantes efetivos, avaliados com boa ou muito boa competência linguística (não ultrapassando os 10 000 falantes). Note-se que, em 2011, residiam no concelho de Miranda do Douro apenas 7 462 habitantes (com um peso de 0,07% face à população residente nacional).

Até finais do século XX, afigurou-se como uma língua maioritariamente oral, foi transmitida desta forma até finais do século XX e encontrava-se intimamente relacionada no passado com o campesinato português. Por outro lado, caracterizava-se como uma língua confinada a um espaço periférico, de fronteira, remoto e afastado do poder central. Uma característica comum a outras línguas minoritárias é o facto de ser uma língua socialmente minorizada e exposta ao perigo de gradual erosão e declínio no contexto da crescente escolarização das gerações mais jovens. Mais recentemente, desde o seu reconhecimento oficial em 1999, torna-se numa língua em fase de revitalização com novos usos (e.g. escrita) e profunda transformação social da comunidade linguística.

De acordo com Rodrigues & Ferreira (2011), a língua mirandesa sempre esteve dotada de um vasto conjunto de literatura de tradição oral que se reproduziu até aos nossos dias através de uma diversidade de expressões culturais. Estas expressões estiveram presentes na sua poesia, nos seus romances, nos contos, cantigas e orações. A poesia atravessa a realidade mirandesa em diferentes vertentes, como é exemplo a exuberância das danças de pauliteiros acompanhadas por cantigas em forma de poemas.

A multissecular diglossia e a proximidade face a Espanha tornaram os mirandeses naturalmente multilíngues, sendo as suas expressões culturais tantas vezes veiculadas nas línguas portuguesa, castelhana e mirandesa. As recolhas e publicações pontuais até ao seu reconhecimento oficial fixaram este legado para a posteridade, com o contributo decisivo de um reduzido número de investigadores e interessados e com o apoio frequente das entidades e/ou figuras públicas locais.

Por contraponto a esta primeira fase da literatura mirandesa, podemos claramente identificar uma segunda fase que só se torna possível após 1999, com seu reconhecimento oficial da língua mirandesa e com a sua fundamental convenção ortográfica. Esta fase poderá ser denominada como sendo o período da literatura mirandesa moderna, com publicações muito importantes no domínio da poesia, do romance e do conto. Por outro lado, destaca-se igualmente a crescente presença da língua mirandesa em jornais locais, em revistas nacionais e estrangeiras (caso da vizinha Espanha), na internet e em múltiplos suportes audiovisuais.

Será a partir do início do século XXI que a língua mirandesa se dota de um conjunto de traduções de obras consagradas e mundialmente conhecidas, numa tentativa de inverter assim o processo de significativa dominação simbólica exercida sobre uma língua que expressava uma realidade classificada como arcaica, rural e periférica, incapaz de se equiparar ao nível das línguas dominantes e da sua orgulhosa complexidade e modernidade.

Nesta fase inicial de tradução de literatura em diferentes domínios, surge a figura cimeira de Amadeu Ferreira que dará o mote e a motivação para outros autores e tradutores projetarem a língua mirandesa numa afirmação e legitimação fundada no seu capital tradutológico. Segundo Rodrigues & Ferreira:

É por esta altura que começam a ser publicadas traduções de grandes obras para mirandês, que tornam esta língua conhecida de todos os portugueses e muito contribuem para aumentar o seu prestígio e afastar o tradicional sentimento de vergonha que foi inculcado aos seus falantes ao longo de séculos. Dessas traduções se destacam as feitas por Amadeu Ferreira, ora com nome próprio ora com os pseudónimos Francisco Niebro e Marcus Miranda, de *Os Quatro Eibangeilhos*, *Asterix l Goulés*, *L Galaton* (este em co-autoria com José Pedro Ferreira), *Os Lusíadas*, Catulo, Horácio Flaco e Virgílio, bem como muitas dezenas de poetas de todo o mundo, neste caso através do blogue <http://lhengua.blogspot.com>. Por fim, deve realçar-se *L Princepico*, tradução de *Le Petit Prince* de Antoine de Saint-Exupéry, feita por Ana Afonso. (2011, p. 548)

Não será de todo estranho afirmarmos que, em 17 anos, desde que a língua mirandesa foi oficialmente reconhecida, os produtos linguísticos gerados no campo literário mirandês sejam exponencialmente superiores se comparados com o primeiro período da língua mirandesa. Curiosamente, na diversidade de áreas e temas escolhidos, permanece ainda um forte cunho da realidade cultural e histórica mirandesa, conjugado com um vanguardismo de temas até à data impensáveis na língua mirandesa, a designada língua do campo, da família e do amor.

2.1. O contexto político

O período democrático português surge como a oportunidade de mudança de linguagem(s), com múltiplos efeitos no tecido social local, mudança de códigos e de sentidos, alteração do valor das línguas no mercado onde circulam os produtos linguísticos em concorrência. Paradoxalmente, esta oportunidade de conquista do campo político surge no clímax da crise da identidade linguística, exaurida pelas lutas e estratégias geracionais que se rendiam compreensivelmente ao mercado linguístico português mais adequado às suas trajetórias de mobilidade social. A diglossia instável que se aprofundou desde os anos 50/60 atinge o seu clímax nos anos 80, fase em que o poder autárquico lidera um processo de defesa da língua através do seu ensino nas escolas locais (iniciado em 1986/87, por despacho ministerial) e, mais tarde, através da proposta da convenção ortográfica (1995) e consequente reconhecimento oficial (1999).

Assim, o período pós revolução coincide com um momento crítico para a língua mirandesa, caracterizado pelo crescente grau de substituição idiomática e linguística operada pelos próprios mirandeses que, num cenário de grandes transformações sociais ocorridas a partir da década de 60, abdicam da sua primeira língua, avaliada como entrave para a mudança desejada no interior das famílias e com impactos sociolinguísticos inegáveis. A este propósito, Bourdieu (1998, p. 33) afirma que a aceitação da língua legítima “não tem nada de uma crença expressamente professada, deliberada e revogável, nem de um acto intencional de aceitação de uma «norma»”, esta deve ser entendida na vida quotidiana dos sujeitos, nos seus efeitos incorporados nas suas práticas, nos seus *habitus* e nas suas disposições que:

(...) são insensivelmente inculcadas, através de um longo e lento processo de aquisição, pelas sanções do mercado linguístico e que se encontram portanto ajustadas, fora de qualquer cálculo cínico de qualquer condicionante conscientemente sentida, às possibilidades de lucro material e simbólico que as leis de formação de preços características de um determinado mercado prometem objectivamente aos detentores de um certo capital linguístico. (Bourdieu, 1998, p. 33)

Da relegação objetiva à evidente vulnerabilidade simbólica da maioria dos falantes da língua mirandesa, a defesa da língua e cultura mirandesas ocorreu assim, no período em análise, na voz de poucos intervenientes visíveis e reconhecíveis, num contexto de grupos letrados maioritariamente com origem no espaço mirandês. Aliado a este cenário de ausência de condições para a existência de uma ampla base popular de reivindicação e defesa de direitos linguísticos e na ausência de uma base institucional interna ao espaço mirandês (e.g. academia ou instituto da língua), restará, no período democrático, a frutuosa aliança entre uma liderança local autárquica oriunda e marcada socialmente pela língua e cultura mirandesas (i.e. liderança política, intelectual e ideológica suportada na figura de Júlio Meirinhos, antigo presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro e antigo deputado da Assembleia da República) e um suporte intelectual externo, igualmente restrito, oferecido pelas Universidades de Lisboa e de Coimbra. Estes dois pilares serão fundamentais para a fase de inversão da substituição linguística conseguida em diferentes domínios e em diferentes campos.

É neste contexto de início de século e de milénio que a língua mirandesa se encontra em condições para iniciar um processo de revitalização do uso e valor da língua através de inúmeros exemplos de tradução. No mercado linguístico local já dominado pela língua portuguesa, urgia inverter esta tendência do ponto de vista da produção de bens linguísticos que contrariassem a representação social de uma língua eminentemente oral, alegadamente afastada das línguas que representavam um valor económico e estatutário evidente.

Como Hagège (2009, p. 113) refere:

We can speak of a functional erosion of the dominated language, in the sense that its productivity as a means of communication continues to diminish in inverse proportion to the expansion of its rival language, which is associated with a revolution in economic standards.

Apesar de estarmos perante um processo de correlação entre diferentes variáveis que concorrem para a desvalorização da língua mirandesa até ao momento do seu reconhecimento oficial, dois aspetos afiguram-se como centrais na inversão desta “erosão funcional” evocada por Hagège (2009). Um primeiro centra-se no valor simbólico

inculcado nos mirandeses ao reconhecer que afinal a sua língua “charra” era reconhecida como uma língua diferente do português. Por outro lado, um segundo processo decorria da legitimação da língua mirandesa através dos seus produtos linguísticos, especificamente os produtos literários em concorrência com a língua portuguesa. Antevia-se um duplo objetivo na criação de novos bens culturais e linguísticos de base escrita em mirandês: ora para servir propósitos pedagógicos e educacionais, ora para oferecer um claro sinal de aproximação entre gerações diferentes através da partilha de uma herança comum vertida e consagrada em textos escritos. O bilinguismo encontra assim, pelo menos teoricamente, um espaço de aparente igualdade de direitos.

É neste contexto que uma elite local, natural de várias aldeias falantes do mirandês mas com sólidos percursos académicos no exterior da região, aposta num processo de criação literária e de tradução de obras consagradas na língua dominante, de forma a oferecer uma “prova” decisiva de que a língua mirandesa também se expressava corretamente na sua forma escrita e resolvia adequadamente a complexidade linguística inerente à tradução dessas obras “that everyone knows and can quote.” (Hagège, 2009, p. 135). Esta articulação que os intelectuais operam entre as escalas nacional e regional é determinante ainda hoje no “trabalho simbólico” realizado para lutar contra a unificação do “mercado de bens culturais e simbólicos” ou para contrariar o silenciamento (com “efeitos de desconhecimento”) imposto pelos mercados dominantes.

A autoridade que se joga dentro e fora do campo/região é assim amplamente determinada e potenciada pelos capitais acumulados no exterior (na escala e mercado nacionais), sendo comum aos líderes da causa mirandesa a procura de uma *auctoritas* académica (fundamental para o referido trabalho simbólico e legitimador junto das comunidades falantes) para a sua imposição em campos homólogos, quer no espaço social mirandês, quer no espaço social português.

3. CONCEITO DE CAPITAL E MERCADO LINGUÍSTICO

Do ponto de vista sociológico, é necessário questionar o fenómeno da tradução segundo várias dimensões de análise. Na sociologia da tradução, importará verificar, numa perspetiva da economia de trocas linguísticas, que funções assumem essas traduções no

contexto das trocas culturais locais e translocais (uma vez que estes são produtos linguísticos de grande importância na defesa de uma língua minoritária), bem como face às próprias características do mercado linguístico onde circulam estes bens. A nossa análise enquadra-se numa perspetiva da estrutura de mercado linguístico à semelhança da estrutura de mercado económico. Por outro lado, procuramos também explorar a dimensão das condições de produção desses produtos linguísticos, focando nos autores e agentes destes produtos.

O contributo da sociologia, de inspiração bourdiana, permite-nos centrar a nossa análise nas condições sociais de produção das traduções e nas funções que estes produtos assumem para os seus produtores, mediadores e recetores. Neste sentido, Bourdieu clarifica uma questão central na análise das línguas minoritárias e na importância de manter em funcionamento o mercado linguístico:

É o que faz com que aqueles que querem defender um capital linguístico ameaçado, como acontece hoje em dia em França com o conhecimento das línguas antigas, estejam condenados a uma luta total: só é possível salvar o valor da competência na condição de salvar o mercado, ou seja, o conjunto das condições políticas e sociais de produção dos produtores-consumidores. (Bourdieu, 1998, p. 41)

O reconhecimento oficial, a escrita, o ensino, o crescente envolvimento dos falantes e não falantes (aqueles que desejam aprender mirandês sem terem previamente qualquer contacto com este) permitiram de forma clara a inversão do processo de “herança linguística recusada”, tão característica das gerações submetidas mais intensamente a processos de estigmatização e de desvalorização social, mesmo que, paradoxalmente, sejam eles próprios portadores do “segredo” da preservação da sua língua, ao manterem a sua sobrevivência em espaços interacionais mais reservados. Curiosamente algumas famílias negaram, num passado recente, o mirandês perante os seus filhos e netos, mas mantêm o seu uso entre pares geracionais, ou seja, entre familiares mais velhos.

Isto significa que não se pode negligenciar a seminal importância do sistema de ensino como pilar institucional da política de mercado da língua (aspecto decisivo na afirmação do mirandês), lugar por excelência do monopólio dos saberes linguísticos, assumindo-se como estruturas de ensino disseminadas e presentes num dado território que visam estabelecer as bases para unificar os “produtores-consumidores” e, conseqüentemente, são detentoras de todo o processo de reprodução do mercado linguístico, espaço de trocas e de atribuição do valor social desta competência linguística.

O ensino e a produção de bens linguísticos (onde a tradução tem assumido um papel fundamental) religa e unifica um mercado linguístico exposto anteriormente a uma aniquilação do seu próprio mercado linguístico. Na mediação destes vários processos de reposicionamento da língua mirandesa nos espaços local e nacional, estão inegavelmente os linguistas que facilitaram o processo prévio da normalização linguística, fundamental para a posterior proliferação de novos produtos linguísticos fundados num novo quadro normativo que se baseia na Convenção ortográfica de 1999.

A crescente presença da língua mirandesa na internet e a edição de livros originais e de traduções a partir de 1999 revelam bem a luta desigual que se evidencia nos novos campos onde o mirandês afirma a sua legitimidade e valor de mercado.

3.1. De Bourdieu ao capital tradutológico

A primeira aceção que decorre da abordagem bourdiana relevante para esta análise será aceitar que a estrutura de campo linguístico deve ser aferida como um sistema de relações de força assentes numa distribuição desigual do capital linguístico (Bourdieu, 1998, pp. 41-42). De outra forma, um “campo” será um espaço de lutas operadas pelos sujeitos e, em contextos institucionais, estas decorrem de regularidades e regras constitutivas desse espaço de jogo, onde as probabilidades de sucesso, ou seja, as tentativas de os sujeitos se apropriarem de lucros específicos, que estão em jogo nesse campo, podem variar. Atente-se no seguinte:

Na base do sentido objectivo que se gera na circulação linguística está, antes de mais, o valor distinto que resulta das relações estabelecidas pelos locutores, consciente ou inconscientemente, entre o produto linguístico oferecido por um locutor socialmente caracterizado e os produtos simultaneamente propostos num espaço social determinado. (Bourdieu, 1998, p. 15)

Esta referência de Bourdieu é de crucial importância dado que sustenta que a noção de língua no seu processo de circulação é diferencialmente valorizada (distinta) de acordo com o tipo de relações mantidas pelos sujeitos, mas igualmente na relação íntima entre a posição desses sujeitos e os restantes produtos linguísticos que circulam num determinado espaço social. Por outro lado, os sujeitos que obtiverem uma posição dominante nesse campo/espaço social estarão em condições de retirar do seu funcionamento uma

diversidade de vantagens, sempre com oposição clara de grupos dominados que, no seu interior, resistem e contrariam as pretensões dos dominantes (cf. Bourdieu, 1992, p. 78).

Assim, o campo literário será de extrema pertinência para a defesa e revitalização da língua mirandesa, uma vez que, à semelhança de outros campos, este é também um espaço estruturado de posições. A sua dinâmica está dependente de relações de força, lutas assimétricas que ocorrem no seu interior: todo o real é relacional e cada subcampo tem a sua própria lógica, regras e regularidades. A luta no campo literário, e homologamente no subcampo da tradução literária, desenrola-se muito além do capital necessário para a mera produção de um falar comum legítimo, sendo necessário compreender a forma como se acumula o capital relativo aos instrumentos de expressão, capital entendido como fundamental para a defesa de uma língua minoritária, pois é este capital que se concretiza num estado objetivado e materialmente existente em bibliotecas e escolas, no caso dos livros, e produtos linguísticos de alto valor, tais como os dicionários, as gramáticas e os “clássicos”. Na ausência de uma história literária escrita, a língua mirandesa, através dos seus escritores e tradutores, procurou, nos últimos 17 anos, dotar-se de acrescida legitimidade no campo da produção literária, impondo “modos de expressão legítima”.

Os produtos linguísticos quando configurados em suportes escritos (por oposição aos tradicionalmente orais) demarcam uma mudança no mercado linguístico e, também, nos seus locutores e na sua distinção, ou seja, a situação atual de criação de produtos linguísticos do mirandês em suporte escrito (onde as traduções assumem especial destaque) alterou significativamente o valor da língua no mercado linguístico, considerando que as regras da sua efetivação e os meios utilizados são diferentes, diversos e específicos, o que acaba por evidenciar a afirmação de produtos linguísticos diferenciados em termos do seu valor de mercado. Desta forma, produção, circulação e uso vão ser obrigatoriamente diferentes, alterando-se assim as características dos utilizadores bem como os espaços sociais e simbólicos que lhe subjazem.

No caso do mirandês, é notória a necessidade de ultrapassar o estado de língua legítima, alcançado via reconhecimento oficial e normalização linguística, para um espaço privilegiado no campo literário e para a obtenção de uma verdadeira valorização linguística, permitindo-lhe não só a sua manutenção, mas também a sua existência no mercado concorrencial que evidencia permanentes lutas entre diferentes autoridades e estatutos linguísticos.

O campo literário foi, desde o reconhecimento oficial, um espaço de particular importância na busca do reconhecimento como língua legítima. Os escritores e tradutores da língua mirandesa evocam assim a legítima arte de escrever, assumindo-se como figuras cimeiras da produção da língua legítima, reivindicando a sua existência e reduzindo assim a sua distância face à língua dominante, neste caso a língua portuguesa. Veremos na parte empírica como as obras escolhidas pretendem contribuir para a valorização da língua mirandesa, procurando-se obter “lucros consideráveis” ao incentivar também a crença na sua legitimidade, quer para o interior da comunidade mirandesa, quer para o exterior representado na vasta comunidade de língua portuguesa.

Esta produção literária oriunda, no caso que nos interessa, do campo das traduções realizadas para a língua mirandesa revela um duplo poder simbólico: um primeiro relacionado com a própria existência de uma elite intelectual (tendo como figura cimeira Amadeu Ferreira), que defende a língua legítima através dos escritores, gramáticos e professores da língua mirandesa; um segundo poder decorrente da tradução de literatura escrita em português e noutras línguas europeias dominantes, que pretendem alterar o valor da língua no mercado linguístico nacional.

A escolha das obras traduzidas não foi arbitrária nem inocente e revela a imperiosa necessidade de dotar o mirandês de obras já avaliadas pelo campo literário (“a república mundial das letras”, de acordo com Casanova, 1999) e pelos grupos que nele dominam, sendo que essas obras incorporavam já (na língua de partida) um elevado valor de mercado por se assumirem como obras portadoras de distinção, de consagração, de imposição de uma língua distinta e distintiva (cf. Bourdieu, 1998, p. 43). Isto significa que as obras consagradas na literatura portuguesa, vertidas agora para o campo literário mirandês, se assumem como produtos linguísticos de reconhecido valor, quer para o grupo minoritário do mirandês, quer para o grupo dominante do português. A procura de obras consagradas na língua portuguesa (ou outra) permitiu rentabilizar os lucros do capital literário em campos muito distintos. Por outro lado, o mirandês passa a ser reconhecido como estando dotado de propriedades altamente valorizadas no interior do campo literário ou república das letras, sendo que as obras escolhidas revelam uma língua capaz de evidenciar uma “excelência linguística”, possuindo assim duas vertentes tão caras à competitiva língua portuguesa: distinção e correção.

Finalmente, o campo literário impõe uma língua legítima que se valoriza, quer face aos seus usos mais correntes e quotidianos, afastando-se, por isso, do seu uso mais frequente e permitindo um valor acrescido no seu interior, o que permite aumentar a crença na sua legitimidade linguística para os seus próprios falantes, quer face ao mercado concorrencial externo que pode comprovar a competência linguística do mirandês através da tradução de obras canónicas ou religiosas, marcos da sua identidade linguística e através das quais se medem as distâncias (isto é, diferentes valores) entre línguas diferentes.

Bourdieu (1998, pp. 54-57) também refere a importância do perfil social dos locutores que acumulam importantes capitais linguísticos na língua dominante (português) e que, dotados de autoridade fundada em títulos de legitimidade linguística (reconhecidos pelos restantes interlocutores), se expressam também legitimamente numa língua minorizada sem serem “suspeitos de recorrer à língua estigmatizada «à falta de melhor»” (Bourdieu, 1998, p. 57).

Assim estabelece-se obrigatoriamente uma relação entre o desenvolvimento de produtos linguísticos e o estatuto dos locutores/produtores desses mesmos produtos. Estabelecem-se sempre relações de força que ocorrem num mercado linguístico e a imposição de legitimidade depende daqueles que detêm maiores competências linguísticas, cujos produtos são valorizados pelas leis de mercado. Estes “locutores fortemente autorizados” (Bourdieu, 1998, p. 59) encontram melhores condições para uma “formação de preços mais favorável” dos produtos do *habitus* linguístico dominados/menorizados. O peso destes agentes está correlacionado com o seu capital simbólico, isto é, depende do reconhecimento, informal ou formal, que conseguem obter num determinado grupo. Podemos afirmar que este capital simbólico se encontra presente tanto no mercado da língua dominante, como no mercado linguístico mirandês.

O estatuto dos locutores remete-nos para um importante contributo da teoria de Bourdieu que será que todos os participantes de um campo ocupam uma posição. Estas posições estão objetivamente definidas pela situação de distribuição de diferentes espécies de capital (ou poder). Um campo surge assim como uma rede de relações objetivas entre posições. A posse ou detenção destes capitais hierarquiza os indivíduos segundo o acesso a vantagens específicas que estão “em jogo” no interior do campo e a relação objetiva com outras posições (variando segundo posições de dominação e/ ou subordinação). Estas (im)posições de legitimidade e de forte poder simbólico ocorrem também no contexto da

produção literária e nas traduções. O perfil de muitos destes tradutores concorre para uma legitimidade académica, com estatutos profissionais altamente valorizados e reconhecidos.

Uma espécie de capital assume-se como eficaz num campo determinado: usado como uma arma ou assunto de jogo num conflito ou disputa que permite aos seus possuidores dispor de um poder, uma influência e assim existir no campo em causa. Por outro lado, sabemos que estes capitais só existem na condição de estarem em relação com um campo específico.

Podemos muito resumidamente definir o capital económico como aquele que está relacionado com os fatores de produção como o emprego, as organizações/ empresas, as propriedades/ terras e todo o conjunto de bens económicos (património, bens materiais e dinheiro). O capital social abrange as redes de relações sociais, sendo que estas se encontram relacionadas com a quantidade e qualidade dos recursos dos grupos, outras redes, como as redes escolares e académicas, a filiação em associações, academias e outras instituições reconhecidas. Por outro lado, o capital cultural afigura-se como um capital herdado da família e não somente a herança dos meios materiais. Este tipo de capital funciona como um importante instrumento de conhecimento, de expressão, de saber fazer, saberes e técnicas, modos e formas de trabalhar.

Com especial pertinência na parte que nos interessa, o capital simbólico surge como um capital com um forte efeito de poder, de prestígio, de distinção e carisma. Este capital assume três formas de existência: o incorporado, expressado mais cedo, produto de socialização e aprendido em ambiente familiar; objetivado, ou seja, bens culturais, livros, obras de arte; e institucionalizado, isto é, diplomas escolares e académicos.

Surge assim uma relação íntima entre capitais, ou seja, como consequência da relação que une o sistema de diferenças linguísticas ao sistema de diferenças económicas e sociais, os produtos de certas competências que trazem um lucro de distinção sempre no contexto de um mercado concorrencial e não relativista. A antecipação de “lucros” nada tem a ver com um cálculo consciente, mas é resultado de um *habitus* linguístico a par de uma tensão de mercado que não é definida no abstrato pelo locutor, mas no próprio interior da relação social entre sujeitos. Neste sentido, Bourdieu coloca a questão linguística em direta relação com as condições sociais de produção, circulação e receção dos bens simbólicos.

Sabemos que o poder conferido à elite intelectual que lidera a afirmação da língua mirandesa não reside apenas nas “qualidades da pessoa”, mas remete-nos sempre para a necessidade de reconhecermos que:

é no conjunto do universo social e das relações de domínio (que lhe conferem a sua estrutura), que reside o princípio do lucro de distinção, que todo o uso da língua legítima confere e isso apesar de uma das componentes (e não a menor) deste lucro residir no facto de parecer basear-se apenas nas qualidades da pessoa. (Bourdieu, 1998, p. 62).

Em síntese, interessa sublinhar que as interações linguísticas estão sempre condicionadas pelas relações de força entre grupos sociais e na interação disputadas pelos seus interlocutores (sujeitos).

4. ESTUDOS DE TRADUÇÃO

A disciplina dos Estudos de Tradução tem vindo a demonstrar, segundo Cronin (2003), uma lacuna geral para incluir contribuições provenientes de línguas minoritárias, nomeadamente em antologias de Estudos de Tradução, e.g. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2009, ed. Mona Baker e Gabriela Saldanha) e *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche* (2002, ed. Douglas Robinson), onde nada se encontra sobre as línguas minoritárias da Europa. Neste sentido, Cronin (2003) sustenta que: “[s]peakers of minority languages looking into the disciplinary mirror of translation studies can also experience the troubling absence of the undead” (p. 139).

No entanto, deve mencionar-se uma exceção a esta quase total ausência que se encontra na obra “Translation Studies” (Routledge), de 2009, editada por Mona Baker, que inclui uma parte 13 dedicada a “Minority: Cultural Identity and Survival”, onde Cronin sustenta que: “[t]he issue of translation and minority languages is not a peripheral concern but the single most important issue in translation studies today”, “[thus] a range of desiderata to support minority languages in translator training and research (...) [a] means of minoritizing major languages through heteroglossia”.

Contudo, esta tendência surge como paradoxalmente surpreendente, uma vez que: “minority-language cultures are translation cultures *par excellence*” (Cronin, 2003, p. 139), ou seja, as línguas minoritárias surgem como invisíveis, enquanto os seus tradutores são duplamente invisíveis a um nível teórico. As línguas minoritárias encontram-se sobre a

pressão intensa das línguas dominantes, podendo ao longo do tempo sucumbir aos níveis lexical e sintático ao tornarem-se “imagens refletoras” destas línguas dominantes.

É comumente reconhecido que as línguas dominantes são línguas fortemente traduzidas como línguas de partida, ao passo que as línguas minoritárias são línguas intensamente traduzidas como línguas de chegada. A relação entre tradução e línguas minoritárias deve assumir-se como um aspeto central dos Estudos de Tradução e não uma preocupação periférica daqueles interessados em “exotismos”. Neste sentido, é importante compreender o processo de tradução como uma forma de existência continuada destas línguas e a forma como a autopercepção e a autoconfiança dos falantes se encontram relacionadas com os efeitos da tradução.

O papel da tradução neste processo de empobrecimento linguístico é altamente ambíguo, podendo ocupar simultaneamente o lugar de predador e emissário, inimigo e amigo: a tradução pode funcionar como assimilação, se os falantes realizarem autotradução para a língua dominante (ex.: o irlandês e mirandês), ou como diversificação, caso os falantes retenham e desenvolvam a sua língua através de organismos de tradução competentes, conseguindo resistir à assimilação (ex.: Catalunha). Nesta linha de pensamento, Dantas (2007, baseada em Casanova, 1999) considera que a tradução pode ser encarada como tradução assimilação e tradução consagração. O primeiro tipo de tradução resulta como uma forma de afirmação da língua e da literatura no âmbito da comunidade nacional e eventualmente mundial, permitindo às línguas minoritárias entrarem naquilo que Casanova (1999) designa de “*république mondiale des lettres*”. Assim, a tradução dos textos reconhecidos como universais fortalece o capital literário de um campo nacional desprotegido, literalizando-se e enobrecendo a língua, funcionando como uma estratégia de importação e acumulação de capital literário através da tradução e introduzindo os princípios legitimadores da tradição literária, mas também da modernidade. Neste contexto, muitos dos tradutores são também escritores ou vice-versa. Quanto ao segundo tipo de tradução – tradução consagração –, este consiste num processo inverso em que a tradução ocorre de uma língua minoritária para a língua dominante, permitindo-lhe aceder à referida “*república mundial das letras*” e internacionalizar-se no espaço literário nacional, mas também internacional. No caso concreto do mirandês, reconhece-se uma clara tendência para a tradução acumulação.

A representação das línguas minoritárias nos Estudos de Tradução é também uma questão de ideologia e de relações de forças, não só nos mercados linguísticos como Bourdieu sustenta, mas também porque, nas palavras de Cunico & Munday (2007): “Translation is here also seen as a point of contact, a crossroads, or a ‘third place’, where different social practices meet in the shaping of oral and written exchanges.” (p. 141). Quando as relações revelam assimetrias entre as partes envolvidas, então verifica-se a dominação de uns sobre os outros, aquilo que Cunico & Munday (2007) designam de “clashes”. Contudo, a tradução pode também apresentar-se como a gênese de práticas sociais heterogêneas, ou seja, “encounters”. Estes mesmos autores encaram os textos traduzidos como “symbolic forms”, circunscritas a contextos sociais, temporais e geográficos específicos, que sendo realizadas por tradutores e editores e protegidas por políticas linguísticas, podem possibilitar a reconstrução de sentidos que fortaleçam as ideologias existentes ou lhes resistam.

O papel destas “symbolic forms”, ou capital simbólico, na linha de Bourdieu, conduz-nos ao conceito de capital tradutológico, ou seja, a mobilização de múltiplos recursos disponíveis (múltiplos tipos de capitais) para um processo de contradominação simbólica operada nos mercados linguísticos e outros homólogos. Será de afirmar que as traduções, entendidas como produtos linguísticos dotados de um elevado valor de mercado potenciado em vários campos, se constituem como um capital central para a defesa das línguas minoritárias, reposicionando-as no jogo de relações de força entre línguas dominantes e línguas minorizadas/dominadas.

Em suma:

Bourdieu’s theorization of the social suggests that acts of translation and interpreting be understood through the social practices and relevant fields in which they are constituted, that they be viewed as functions of social relations based on competing forms of capital tied to local/global relations of power, and that translators and interpreters, through the workings of the habitus and illusion, be seen as both implicated in and able to transform the forms of practice in which they engage. (Inghilleri, 2005, p.143)

5. ESTUDO EXPLORATÓRIO

Este estudo deve ser perspectivado como uma abordagem exploratória que permite questionar a realidade atual com base num conjunto de questões que caracterizam os

tradutores da língua mirandesa. Por óbvias restrições de tempo e espaço de exposição, optaremos por uma análise descritiva, procurando *a posteriori* analisar criticamente alguns aspetos sobre esta realidade emergente no contexto da afirmação da língua mirandesa.

5.1. Metodologia

No que se refere à metodologia que orientou o nosso estudo exploratório, este estruturou-se em diversas fases. Numa 1.^a fase, foi realizado o levantamento das obras traduzidas para mirandês que foi o nosso enfoque inicial, tendo sido intencionalmente excluídas as obras traduzidas de mirandês para outras línguas estrangeiras. Assim, a procura incidiu na obra designada “Bibliografia Língua e Cultura na Fronteira Norte-Sul” (2014), com coordenação de Manuela Barros Ferreira, mais especificamente no capítulo “Zona Ia. – Bragança/Miranda” que abrange as subdivisões de Língua, Literatura e Cultura, com coordenação de Manuela Barros Ferreira e de Amadeu Ferreira. As obras traduzidas encontram-se integradas na secção da Literatura (i.e. pp. 84-87).

Numa 2.^a fase, optámos por desenhar e sistematizar uma grelha de análise para a identificação dos tradutores elencados, as obras e suas designações, as editoras (e respetivos locais) e datas de publicação, as línguas de partida e observações várias, nomeadamente se as obras em causa foram traduzidas em colaboração, se se encontram disponíveis na Internet, se constituem edições bilingues ou trilingues ou se integram compilações (cf. Tabela 1). Nesta etapa, foram igualmente integrados outros tradutores e outras obras que não se encontravam contemplados pelo levantamento inicial baseado na obra supracitada.

TRADUTORES	OBRAS	EDITORIA	LOCAL	DATA	OBS.
Amadeu Ferreira	"Astronomie" - "Astronomia" de Fiama Hasse Pais Brandão	online		2001	http://mirandes.no.sapo.pt/BLTT.html (acedido a 6.06.2016)
	"Asterix, I Goulés" - "Asterix, le Gaulois" de Goscinny e Uderzo	ASA	Lisboa	2005	Em colaboração com Carlos Ferreira, Domingos Raposo e António Santos
	"L Galaton" - "Le Grand Fossé" de Uderzo	ASA	Lisboa	2006	Co-autoria de José Pedro Cardona Ferreira; em colaboração com Duarte Martins, Domingos Raposo e António Santos
	"Poetas de I Douro"	online		2006	
	"Irmã(o)" de Cristina Valadas e Eugénio Roda	Edições Gémeo	Porto	2008	Edição bilingue (português e mirandês)
	"Mirandês. Stória dua Lhéngua i dun Pobo" de José Ruy	Âncora	Lisboa	2009	
	"Cuontas de la Dona Tierra" - Contos de Maria Helena Henriques, Maria José Moreno e A. M. Galopim de Carvalho	Imprensa da Universidade de Coimbra	Coimbra	2009	Coordenação de Amadeu Ferreira
	"Tra. Ios. Montes"	Publicações Serrote	Lisboa	2010	Edição trilingue (português, mirandês e inglês)
	"Mensajje" de Fernando Pessoa	Zéfitro	Sintra	2011	
	"Ls Quatro Eibangeilhos"	Sociedade Bíblica	Lisboa	2011	
	"Ls Eibangeilhos de Deimingo" - "Evangêlhos Dominais" partindo da Nova Vulgata	Mensageiro de Bragança	Trás-os-Montes	2002-2003	
	"Fábulas de Eisopo"	online		2008-2014	Co-autoria de Ana Afonso; http://fabulas-em-mirandes.blogspot.pt/ (acedido 6.06.2016)
	"Lhéngua Mirandesa: Manifesto an Modo de Hino / Língua Mirandesa: Manifesto em Forma de Hino"	Âncora	Lisboa	s.a.	Manifesto bilingue mirandês-português - é tradução ou não?

Tabela 1 – Grelha de análise – exemplo referente a Amadeu Ferreira

Seguidamente, a 3.^a fase deste trabalho consistiu na aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas (vd. Figura 1), criado no Google Forms, e na sua aplicação aos tradutores ativos do mirandês.

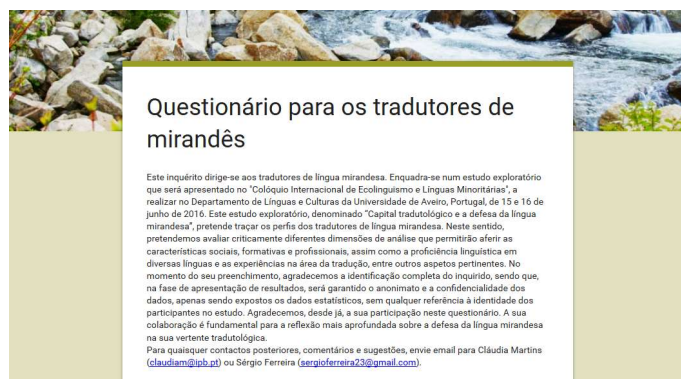


Figura 1 – Página de entrada do questionário para os tradutores de mirandês

O questionário aplicado estrutura-se em seis partes distintas, incluindo no final um espaço para comentários, sugestões e críticas, num total de 48 perguntas. A primeira parte centrou-se na recolha de informação sociodemográfica, através da qual pretendemos identificar os tradutores segundo a sua idade, género, nacionalidade e naturalidade, vivência em países estrangeiros e residência atual. Seguidamente, direcionamo-nos para a formação académica dos tradutores, que pretendeu auscultar se a frequência dos ensinos pré-escolar, básico e secundário foi realizada em Miranda, a área científica da licenciatura e formação pós-graduada, se experienciaram uma aprendizagem formal de línguas estrangeiras, com a identificação dos respetivos níveis de proficiência, e se realizaram formação em tradução, opinando sobre a sua importância e/ou necessidade. Adicionalmente, a informação profissional focou na identificação da profissão dos tradutores e respetiva instituição, a percentagem de atividade que a tradução representa na sua vida profissional, as áreas de especialização em que trabalham e o número de anos de experiência tradutiva. Por fim, a secção inicial que tenta caracterizar o perfil dos tradutores fica concluída com as questões relacionadas com a prática tradutiva dos tradutores, ou seja, o número de obras traduzidas para mirandês e a sua elencagem, a referência à sua intervenção na escolha das obras e a identificação das editoras envolvidas, dos recursos usados, das estratégias de remediação e dos critérios considerados relevantes no ato tradutivo.

Relativamente aos recursos utilizados, os respondentes ao questionário tinham de seleccionar os mais pertinentes para a sua prática de entre uma lista predefinida: a convenção ortográfica da língua mirandesa; dicionários de português-mirandês em papel e em linha; gramáticas; glossários e produtos lexicográficos; Google translate; Wikipédia em mirandês (i.e. Biquipédia – L’anciclopédia lhibre); e recursos diversos em linha. No que se refere aos critérios a ter em consideração no ato tradutivo, estes foram elencados de forma a que os tradutores os seleccionassem, a saber: significado; terminologia; gramática e sintaxe; omissões e adições; fraseologia (i.e. colocações e expressões idiomáticas); ortografia e pontuação; estilo e registo; questões tipográficas; conformidade face a normas, convenções e recomendações; fluência do texto de chegada; função do texto; e coerência e coesão.

A última parte do questionário compreende duas secções fundamentais que se prendem com a relação que os tradutores estabelecem com a língua mirandesa e as suas reflexões face ao futuro da tradução em mirandês. Estas afiguram-se fundamentais, uma vez que considerámos estar perante um corpo de tradutores que prevíamos não possuir formação em tradução, apesar de todos deterem formação ao nível do ensino superior. Assim, na primeira destas duas últimas secções, incluímos informação relacionada com as línguas maternas dos tradutores e as línguas usadas em casa, com quem interagem em mirandês (e.g. com os pais, avós, tios e primos, amigos e vizinhos, cônjuges ou com ninguém), como aprofundaram o conhecimento da língua mirandesa e de que forma colaboraram na criação de produtos linguísticos em mirandês. A segunda secção abordou a identificação dos aspetos relevantes para o futuro da tradução em mirandês, a existência de projetos de tradução atuais e futuros, assim como a identificação de dificuldades e necessidades futuras para a língua mirandesa.

5.2. Discussão de resultados

O levantamento dos tradutores de mirandês, em conformidade com a metodologia acima explanada, possibilitou-nos identificar um total de dezasseis tradutores, oito já desaparecidos, entre os quais se contam Amadeu Ferreira (1950-2015), e seus pseudónimos Francisco Niebro e Marcus Miranda, António Garcia (n. d.), António Maria

Mourinho (1917-1995), Bernardo Fernandes Monteiro (1825-1906), José Leite de Vasconcellos (1858-1941) e o Padre Manuel João Sardinha (1841-morte?).

<i>Tradutor</i>	<i>Obras</i>
<i>Amadeu Ferreira (1950-2015)</i>	"Astronomie", Fiamma Hasse Pais Brandão (2001); "Ls Quatro Eibangeilhos" (2011); "Ls Eibangeilhos de Deimingo" (2002-2003); "Asterix, l Goulés", Goscinny e Uderzo (2005); "L Galaton", Goscinny e Uderzo (2006); "Poetas de l Douro" (2006); "Irmã(o)", Cristina Valadas e Eugénio Roda (2008); "Mirandés. Stória dua Lhéngua i dun Pobo", José Ruy (2009); "Cuontas de la Dona Tierra" – Contos de Maria Helena Henriques, Maria José Moreno e A. M. Galopim de Carvalho (2009); "Tra.los.Montes" (2010); "Mensaige", Fernando Pessoa (2011); "Fábulas de Eisopo" (2008-2014)
<i>Fracisco Niebro (pseudónimo de Amadeu Ferreira)</i>	"Lhéngua Mirandesa: Manifesto an Modo de Hino / Lingua Mirandesa: Manifesto em Forma de Hino" (1999); "Bucólica", Miguel Torga (2006); Tradução de poemas de diversos autores em linha (2007-2013); "Ls Lusíadas", Luís de Camões (2010); "L mais cantar de Salomon" (2012); "Fernando de Castro Branco – ua Antologie" (2012)
<i>Marcus Miranda (pseudónimo de Amadeu Ferreira)</i>	"Poetas lhatinos", Horácio, Virgílio, Catulo e Ovídio (2002); "L poder, l dreito i la regla de l falar", Hourácio Falco (2003)
<i>António Garcia (n.d.)</i>	"Tu qi eras lâ mi'alma", Luís de Camões (1934)
<i>António Maria Mourinho (1917-1995)</i>	"Prólogo do Evangelho de S. João para a 3ª missa do Natal, traduzido em Língua Mirandesa, precedido de um pequeno comentário em Português" (1987); "Os evangelhos da Páscoa em mirandês, com um pequeno preâmbulo em português" (1998??); "Na Tiêrra de Miranda" – 4 poemas de José Viale Moutinho (1992)
<i>Bernardo Fernandes Monteiro (1825-1906)</i>	"O Evangelho de S. Lucas traduzido em língua mirandesa" (cap. I a X) (1894); "A Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios traduzida em mirandês" (1894); "El Cirujano del Señor Abade (Episodio d'la guerra de la Península)" (1896); "Siete anhos de pastor...", Luís de Camões (1912)
<i>José Leite de Vasconcellos (1858-1941)</i>	"Camoniana mirandesa" (1901)
<i>Padre Manuel João Sardinha (século XIX)</i>	"A ua cautiba por nome Bárbola...", Luís de Camões (1893); "Zara", Antero de Quental (1894)

Tabela 2 – Tradutores de mirandês já desaparecidos e obras traduzidas

Relativamente aos dez tradutores no ativo, estes incluem Alcides Meirinhos (1961), Alfredo Cameirão (1968), Ana Afonso (1977), Anabela Almeida (n.d.), António Bárbolo Alves (1964), Carlos Ferreira (1961), Domingos Raposo (1952), Duarte Martins (n.d.), José Pedro Ferreira (1980) e Thibault Ferreira (1994). Destes tradutores, somente sete responderam ao questionário, representando 70% do universo total de tradutores.

No que se refere à informação sociodemográfica, a figura 2 revela que 28,6% dos tradutores se encontram na faixa etária entre os 51 e os 60 anos e a mesma percentagem para o intervalo de 30-40 anos, estando os restantes equitativamente distribuídos pelos intervalos de 61-70, 41-50 e menos de 30 anos (i.e. todos com 14,3%). No contexto da amostra de respondentes, todos são do género masculino.

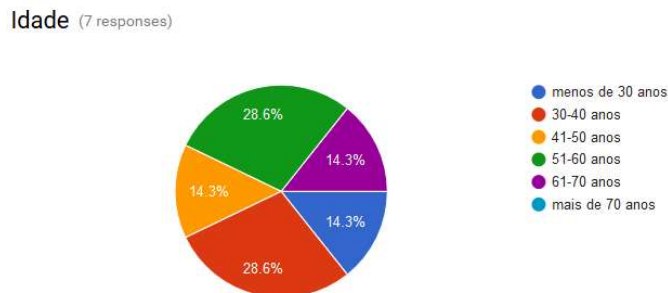


Figura 2 – Idade dos tradutores de mirandês

Quanto à sua nacionalidade, 100% dos tradutores são portugueses, tendo 42,9% vivido num país estrangeiro, tal como é patente na figura 3. Os países identificados pelos respondentes foram: a França, a Bélgica, a Espanha e a Itália, variando o período de residência no estrangeiro entre os 6 meses e os 12 anos. No que se refere à sua naturalidade, todos nasceram no concelho de Miranda do Douro, com exceção de dois dos tradutores, um que nasceu em França e outro em Vila Real. Relativamente à sua residência atual, três vivem em Miranda do Douro, dois em Lisboa, um em Mogadouro e um outro em Albergaria-a-Velha.



Figura 3 – Residência em países estrangeiros dos tradutores de mirandês

Com vista a compreender o perfil do corpo de tradutores de mirandês, questionámo-los quanto à sua formação académica. A primeira questão recaiu sobre o local onde concluíram o ensino básico e secundário, uma vez que pretendíamos saber se estes tradutores haviam frequentado a escola em Miranda do Douro. Conforme se verifica na

figura 5, 85,7% dos tradutores frequentou o 1.º ciclo do ensino básico (EB) no concelho de Miranda do Douro, enquanto nos 2.º e 3.º ciclos EB somente 42,9% permaneceu em Miranda do Douro e no ensino secundário a percentagem desce para 28,6%. Um dos tradutores não frequentou nenhum dos ciclos de ensino básico e secundário em Miranda.

Que ciclos de ensino básico e secundário frequentou no Concelho de Miranda do Douro?

(7 responses)

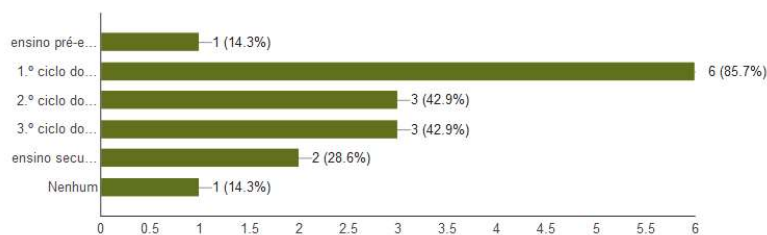


Figura 4 – Frequência do ensino básico e secundário dos tradutores de mirandês

As ciências sociais, por um lado, e as humanidades, por outro, correspondem à área de licenciatura com 42,9% dos respondentes cada, ao passo que 14,3% concluíram o primeiro ciclo de estudos superiores em outra área (cf. figura 5).

Qual a área da sua licenciatura? (7 responses)

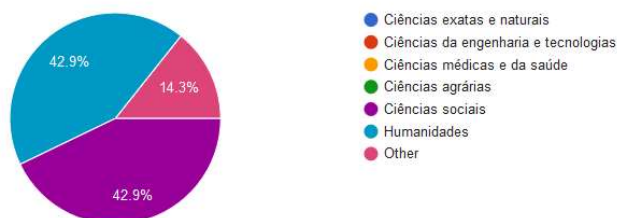


Figura 5 – Área da licenciatura dos tradutores de mirandês

Relativamente à formação pós-graduada dos tradutores (cf. figura 6), 28,6% possui mestrado, 28,6% tem outra formação, 42,9% não possui formação pós-graduada e 14,3% concluiu o doutoramento. Dos que assumiram a obtenção desta formação, 33,3% realizou-a nas ciências sociais e 16,7% nas humanidades, contrastando com 50% sem qualquer formação pós-graduada.

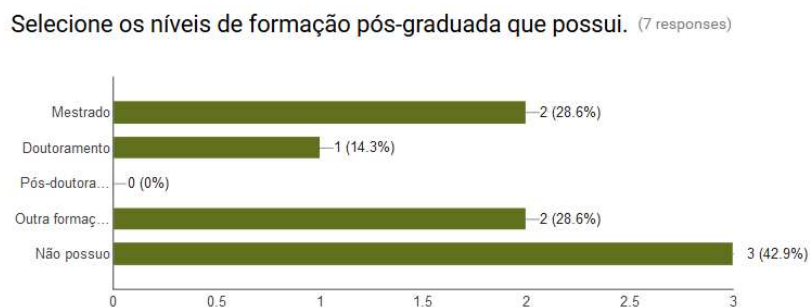


Figura 6 – Frequência do ensino básico e secundário dos tradutores de mirandês

A par da formação ao nível superior, inquirimos os tradutores de mirandês quanto à sua aprendizagem formal de língua(s) estrangeira(s): 85,7% admitiram ter estudado pelo menos uma língua estrangeira e destes todos estudaram inglês e francês, 40% estudou espanhol e latim e 20% estudou alemão e grego. A totalidade dos respondentes realizou esta formação no ensino básico e secundário, 42,9% também estudou línguas estrangeiras no ensino superior e 14,3% em aulas privadas. Na identificação do nível de proficiência linguística, apenas 4 dos 7 respondentes realizaram a sua autoavaliação: o nível avançado abrange o inglês e o espanhol, enquanto o francês, o alemão, o latim e o grego e o italiano variam entre os níveis intermédio e básico.

Realizou aprendizagem formal de alguma língua estrangeira? (7 respostas)

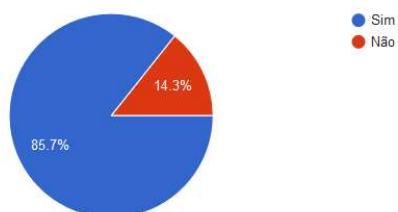


Figura 7 – Aprendizagem formal de línguas estrangeiras dos tradutores de mirandês

No que se refere à formação em tradução, 100% dos respondentes afirmou não a possuir e destes 85,7% considerou que seria útil, apresentando diversas razões que destacamos: “aprendizagem de técnicas da arte”; “pormenores de enquadramento”; “aprender com especialistas”; “maior conhecimento da língua” (entenda-se o mirandês); “aquisição de técnicas (...) [para] maior eficácia, coerência e lógica”; “atividade tão técnica como artística, dependendo do texto e da razão para a tradução”.

Considera que seria útil obter formação em tradução? (7 responses)

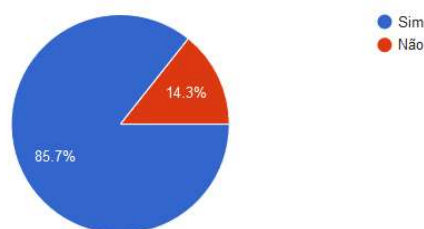


Figura 8 – Utilidade de formação em tradução para os tradutores de mirandês

Quanto à atividade profissional, 4 dos respondentes atuam na área da formação, quer por conta própria, quer integrados em escolas do ensino básico e secundário. Os restantes abrangem a consultadoria, o turismo e a investigação (i.e. bolseiro). Considerando estes contextos profissionais, 66,7% dos respondentes afirmou que a tradução representa até 10% da sua atividade e 33,3% entre 25% e 50% da respetiva atividade.

Qual a percentagem de trabalho que a tradução representa na sua atividade profissional?

(6 responses)

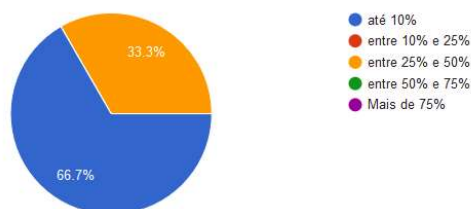


Figura 9 – Percentagem da tradução na atividade profissional dos tradutores de mirandês

De entre as áreas em que os respondentes traduzem, as que obtiveram maior escolha foram a tradução literária, com 85,7%, seguida da tradução técnica e a interpretação, com 42,9% cada, da localização, com 28,6%, e da tradução jurídica e audiovisual, com 14,3% cada. De destacar que nenhum dos respondentes identificou a tradução médica e que 28,6% selecionou uma outra área, não identificada.

Selecione a(s) área(s) em que trabalha na tradução. (7 responses)

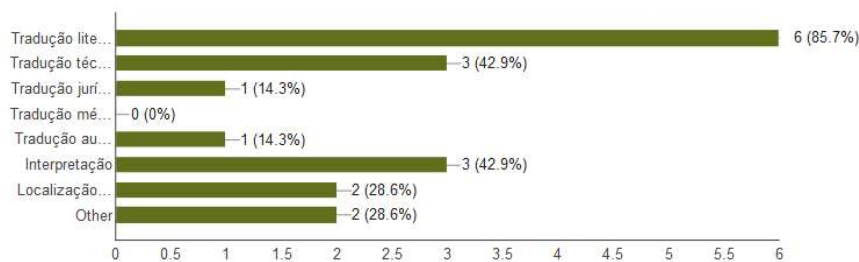


Figura 10 – Área de tradução dos tradutores de mirandês

No que diz respeito à experiência em tradução, os respondentes oscilam entre menos de 5 anos de experiência até mais de 30: 28,6% situa-se no intervalo de 6 a 10 anos e de 16 a 20 anos, enquanto os restantes intervalos (i.e. mais de 30 anos, 10-15 anos e menos de 5 anos) obtiveram uma percentagem equitativa de 14,3%.

Qual o número de anos de experiência em tradução para mirandês? (7 responses)

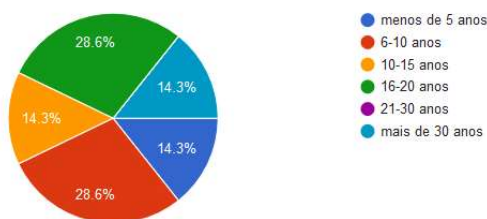


Figura 11 – Anos de experiência em tradução dos tradutores de mirandês

No sentido de compreender a prática tradutiva desenvolvida pelos respondentes, começámos por auscultá-los sobre o número de obras traduzidas, sendo que 57,1% esteve envolvido em menos de 5 obras e os restantes 42,9% entre 5 e 10 obras, consistente com o universo de obras traduzidas para mirandês.

Qual o número de obras que traduziu para mirandês? (7 responses)

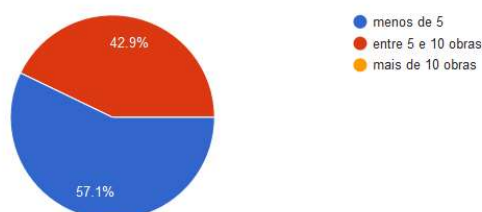


Figura 12 – Número de obras traduzidas pelos tradutores de mirandês

Relacionado com o número de obras traduzidas, considerámos pertinente averiguar se os tradutores tinham tido intervenção na escolha das obras e se tinham trabalhado em conjunto com as editoras em causa. No que se refere à primeira questão, 57,1% admitiram não ter tido qualquer intervenção na escolha das obras, tendo sido estas sugeridas pelos autores, cotradutor ou pelas editoras, e os restantes 42,9% intervieram diretamente nesta escolha, devido ao gosto pela obra e à importância da obra em causa. O trabalho com a editora ocorreu efetivamente em metade dos casos, sendo que 50% dos tradutores trabalharam em conjunto com as editoras.

Intervio na escolha das obras para traduzir? (7 responses)

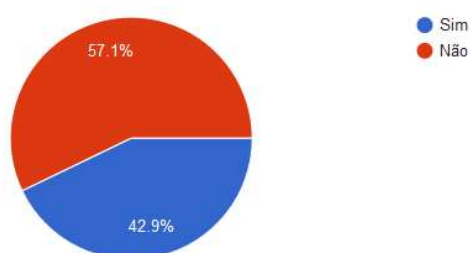


Figura 13 – Escolha das obras a traduzir pelos tradutores de mirandês

No contexto da prática tradutiva, considerámos fundamental auscultar três aspetos: os recursos utilizados, as estratégias de remediação face a obstáculos e os critérios relevantes no ato tradutivo em si. As figuras 14 e 15 explicitam a posição dos tradutores de mirandês face a estas questões. Relativamente aos recursos, 100% dos respondentes identificaram a convenção ortográfica como o recurso mais usado, seguido pelas gramáticas (e recursos afins), pelos glossários (e outros produtos lexicográficos) e por outros recursos não identificados, todos com 57,1% das respostas. Os que obtiveram menor percentagem foram os dicionários português-mirandês em papel e em linha, com 28,6% cada.

Identifique os recursos que utiliza quando traduz para mirandês. (7 responses)

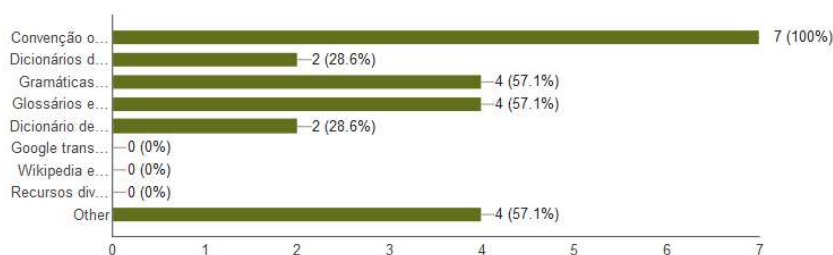


Figura 14 – Recursos utilizados pelos tradutores de mirandês

No que se refere às estratégias para colmatar obstáculos na tradução, o enfoque dos tradutores de mirandês residiu nas consultas bibliográficas e outras não especificadas e no questionamento direto a falantes de mirandês, nomeadamente os mais idosos. Duas outras respostas que merecem destaque relacionam-se com: por um lado, a necessidade de “entrar no espírito do texto” e de “manter a fidedignidade da estrutura de língua” e a sua idiomática original (por meio de “termos mais vernáculos” e “expressões idiomáticas”) e, por outro, as pesquisas realizadas em *corpora* digitais de forma a aceder a contextos, definições e sinónimos. Estas duas últimas respostas abrangem preocupações discutidas criticamente aquando qualquer formação em tradução, ou seja, a questão da fidelidade ao texto de partida e à língua de chegada e à sua idiomática, assim como a utilização de recursos textuais e terminológicos, por meio de *corpora* em linha.

A questão relativa aos critérios a ter em consideração na atividade tradutiva teve como base o inquérito já mencionado, tentando fundir com outros que consideramos igualmente importantes. Assim, de acordo com as respostas dos tradutores de mirandês, os aspetos mais importantes são o significado e a terminologia, cada com 100% das respostas. A estes seguem-se a gramática e sintaxe, a fraseologia, o estilo e registo e a coerência e coesão textuais, todos com 85,7% das respostas; 71,4% seleccionaram a ortografia e pontuação, por um lado, e a função do texto, por outro; 57,1% escolheram a conformidade face a normas, convenções e recomendações e a fluência do texto de chegada (a mencionada ‘idiomaticidade’) e, finalmente, com os valores mais baixos, as omissões e adições e as questões tipográficas, com 28,6% e 14,3%, respetivamente.

Indique os critérios a que atribui importância aquando da sua atividade tradutiva.

(7 responses)

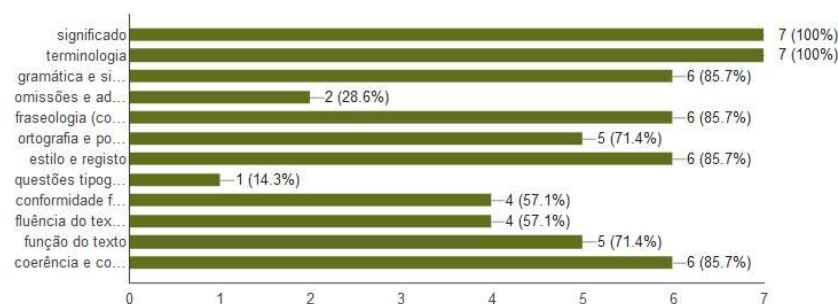


Figura 15 – Critérios importantes na atividade tradutiva dos tradutores de mirandês

Na relação com a língua mirandesa, a primeira questão que pretendemos explicitar foi a língua materna, tendo 100% dos respondentes identificado o português como a sua língua materna e, de forma relevante, 71,4% também assumiram o mirandês como sua língua materna.

Qual ou quais são as suas línguas maternas? (7 responses)

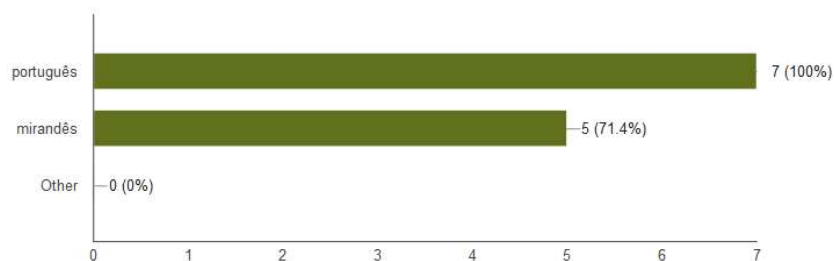


Figura 16 – Línguas maternas dos tradutores de mirandês

A par da questão da língua materna, pretendemos averiguar as línguas utilizadas pelos tradutores no contexto familiar durante a sua infância. Na linha dos resultados para a pergunta anterior, 100% respondeu que falavam em português, 71,4% em mirandês e somente 14,3% numa outra língua, advindo provavelmente da residência em países estrangeiros.

Qual ou quais eram as línguas utilizadas em casa quando era criança?
(7 responses)

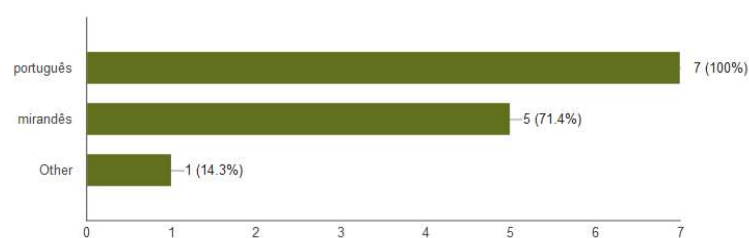


Figura 17 – Línguas faladas na infância dos tradutores de mirandês

Para além do contexto de família restrita, era essencial auscultar em que outros contextos os respondentes utilizavam o mirandês: 100% responderam que o faziam com os amigos, 71,4% comunicavam igualmente com os pais e irmãos, avós e tios e primos. O seu conhecimento da língua mirandesa foi aprofundado por meio do ensino obrigatório, de

curso ministrado por Amadeu Ferreira e Carlos Ferreira, do contacto com falantes de mirandês e através do autodidatismo (i.e. estudo da língua, investigação e utilização).

Com quem falava mirandês quando era criança? (7 responses)

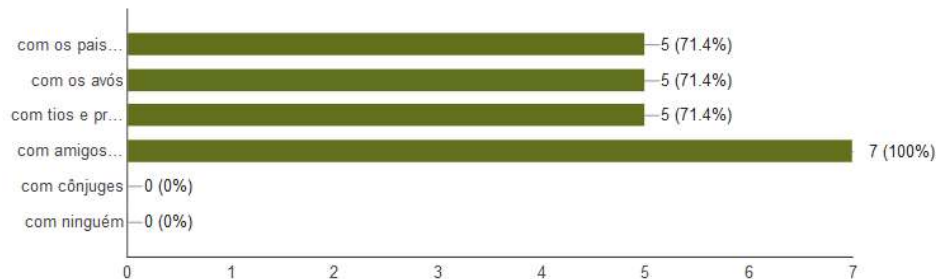


Figura 18 – Contactos em mirandês na infância dos tradutores de mirandês

Concomitante à tradução para mirandês, 85,7% dos respondentes assumiram que colaboravam na produção de outros produtos, entre os quais destacamos a criação de música em mirandês, a elaboração de convites, cartazes e rótulos comerciais em mirandês, revisão de obras em mirandês, organização de conferências e produção de conteúdos para cursos de mirandês em linha.

Para além da tradução para mirandês, colaborou na produção de outros produtos?
(7 responses)

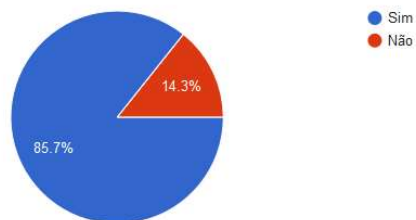


Figura 19 – Colaboração na produção de recursos por parte dos tradutores de mirandês

A secção relativa ao futuro do mirandês é maioritariamente aferido por questões abertas de forma a que os tradutores de mirandês pudessem expressar a sua opinião de forma mais livre relativamente aos projetos que seria importante desenvolver para a língua mirandesa, assim como as suas dificuldades e necessidades futuras. Quanto aos aspetos que foram identificados como importantes para promover o desenvolvimento do mirandês, 100% selecionaram a tradução de textos originalmente em mirandês para português e outras línguas (no sentido de assegurar a tradução consagração, segundo a nomenclatura de Casanova, 1999), 85,7% apoiaram a criação de mestrados de tradução com a opção de

mirandês, 71,4% a inclusão do mirandês no ensino superior, nomeadamente nas licenciaturas e mestrados, 57,1% a oferta da disciplina de mirandês nos ensinos básico e secundário em todo o país, assim como a oferta de cursos de mirandês em centros e escolas de línguas e, por fim, somente 42,9% a criação de um Departamento de tradução para o mirandês.



Figura 20 – Colaboração na produção de recursos por parte dos tradutores de mirandês

Entre os projetos considerados importantes, os respondentes elegeram a literatura infantil e as obras literárias com objetivos didáticos (i.e. ensino da língua em contexto escolar) e os clássicos da literatura portuguesa e também mundial, tais como aqueles de línguas próximas (e.g. espanhol e italiano).

Que projetos de tradução considera que seriam importantes desenvolver em língua mirandesa?

(6 responses)



Figura 21 – Colaboração na produção de recursos por parte dos tradutores de mirandês

Finalmente, as dificuldades que os tradutores identificaram prendem-se com as questões económico-financeiras, transversais a todas as áreas da sociedade, bem como a falta de conhecimento aprofundado da língua que, por vezes, conduz a traduções menos adequadas e “aportuguesamentos” que se reflete na falta de formação superior séria nesta

área linguística e, conseqüentemente, na falta de especialistas na tradução de e para mirandês. Relativamente às necessidades, aponta-se a necessidade de existir um dicionário mirandês-português mais completo, isto é, a constituição de recursos de apoio, nomeadamente os *corpora* e um thesaurus, sem deixar de referir a revisão da convenção ortográfica da língua mirandesa.

Identifique dificuldades e necessidades futuras na área da tradução do mirandês.

(7 responses)

Económicas, financeiras e massa crítica do mercado
O fraco conhecimento da língua mirandesa por parte de alguns tradutores e a inclusão de termos "aportuguesados" na língua mirandesa em detrimento da terminologia original devido ao desconhecimento da mesma.
a existência de um dicionário mirandês- português mais completo
Falta de formação superior adequada e séria
Não existe uma política clara nesse sentido. Muito folclore à volta do mirandês...
Dificuldades: Poucos obreiros; inexistência de meios financeiros para publicar. Necessidades futuras: Cativar e/ou formar tradutores. Aumentar o acervo literário traduzido em mirandês com obras emblemáticas da literatura portuguesa e mundial que cativem leitores e projetem o mirandês para o exterior.
Melhores recursos de apoio, como um 'thesaurus'; um bom dicionário de língua, a par de um dicionário terminado de e para mirandês; revisão da Convenção Ortográfica para clarificação de áreas lacunares; criação de um 'corpus' com pesquisa por contexto; 'corpora' paralelos a partir de traduções existentes.

Figura 22 – Identificação de dificuldades e necessidades futuras na área da tradução do mirandês

A secção final relativa aos comentários, sugestões e críticas direciona-se para a necessidade de continuar a desenvolver os estudos do mirandês, uma vez que é essencial discutir a língua, refletir sobre ela e produzir sobre e nela nos meios académicos.

5.3. Considerações finais

Em termos globais, o volume de publicações verificou-se mais intenso a partir de 2001, dois anos após a Lei n.º 7/99, sendo que a publicação destas traduções abrange diversas editoras (e.g. Âncora, ASA, Universidade de Coimbra, Zéfiro), revistas académicas, jornais regionais e sítios em linha. Pode ainda concluir-se que as línguas de partida são maioritariamente o português, o francês e o latim (especialmente no caso de Amadeu Ferreira e seus pseudónimos), havendo contudo outras línguas menos representativas, tais como o inglês e o espanhol.

As obras selecionadas para o processo de tradução são de natureza e extensão diversas, compreendendo: a banda desenhada, com três aventuras de Astérix (Goscinny e Uderzo) – “Astérix, 1 Goulés”, “L Galaton” e “L papiro de César” –; os clássicos da literatura infantil, como o “Príncipezinho” de Saint-Exupéry; os contos e fábulas da região, de La Fontaine e de Esopo; a poesia canónica do português (Camões e Pessoa), de poetas latinos (Horácio, Virgílio, Catulo e Ovídio) e da região (poetas do Douro, Miguel Torga), assim como a poesia de diversas nacionalidades – brasileira, espanhola, chilena, árabe, francesa, alemã, inglesa –; textos litúrgicos, nomeadamente os Evangelhos de Domingo, de Natal e da Páscoa; e textos técnicos, i.e. um estudo de impacto ambiental.

6. CONCLUSÕES

Do exposto neste trabalho, depreende-se que a relação entre as línguas minoritárias e os Estudos de Tradução é um assunto recente e com uma exploração relativamente restrita, considerando os desenvolvimentos noutras áreas desta disciplina. No que se refere às línguas minoritárias, estas podem e devem ser aprendidas em paralelo com a língua dominante ou maioritária, uma vez que o bilinguismo prematuro pode beneficiar a aprendizagem posterior de outras línguas estrangeiras, desafio este que é abraçado pela Europa nas suas diversas publicações. Neste sentido, as novas tecnologias permitem às línguas minoritárias uma diversidade de meios de produzir e difundir conteúdos a uma diáspora/comunidade.

Paralelamente, o investimento na formação de tradutores não pode ser avaliado somente em termos de retorno económico, mas desempenha uma função vital na revalorização da própria língua minoritária, defendendo-a através da sua promoção e proteção. É esta atividade tradutiva que promove uma reversão do processo de “empobrecimento” da língua minoritária por força da sua exposição contínua à língua dominante. De igual modo, a tradução contribui para combater a classificação habitual de uma língua minoritária de menor difusão – “language of lesser diffusion” – e de língua menos traduzida – “less translated language”.

Relativamente ao mirandês, após quase 20 anos da Convenção Ortográfica do Mirandês e refundada a Associação da Língua e Cultura Mirandesa | l’Associaçon de la

Lhégua i Cultura Mirandesa, que foi inicialmente criada em Lisboa e transferida, desde 2014, para Miranda do Douro, impõe-se um reconhecimento da importância e necessidade premente de tradutores com formação profissional e qualificados para esta atividade, especialmente numa fase de maior produção literária em mirandês e de maior necessidade de traduções de outras línguas para o mirandês e, em fases posteriores, de mirandês para outras línguas estrangeiras, de forma a almejar a tradução consagração (cf. Casanova, 1999; Dantas, 2007).

Na sequência do questionário que aplicámos, conseguimos provar que os atuais tradutores da língua mirandesa, apesar de estarem intimamente relacionados com a língua mirandesa, não possuem qualquer formação especializada em tradução, sendo esta pautada por tradutores com uma experiência adquirida através da prática. Na nossa perspetiva, perante os resultados observados, surge a necessidade de criar um departamento de tradução no interior da Associação da Língua e Cultura Mirandesa | l'Associaçon de la Lhégua i Cultura Mirandesa que possa promover cursos e formação em tradução, assim como validar e acreditar os vários tradutores em exercício.

Um outro aspeto que pretendemos salientar refere-se à ausência de cursos de mirandês fora do espaço do concelho de Miranda do Douro, ou seja, para que a atividade de tradução se possa afirmar como um caminho futuro para a defesa da língua mirandesa, esta necessita de uma forte formação e presença no ensino superior. Somente desta forma se pode exigir a criação de cursos de licenciatura e mestrado com a inclusão da combinatória do mirandês.

Em síntese, o capital tradutológico permite entender que as atividades e práticas de tradução podem oferecer perspetivas diferenciadas sobre a língua e identidade em contextos de minorias linguísticas. A tradução pode reforçar a própria identidade dos mirandeses que se reveem em aspetos culturais comuns entre as línguas portuguesa e mirandesa, ou entre outras realidades de outras línguas estrangeiras.

A situação atual da escolha das obras a traduzir e a existência de determinados critérios editoriais podem, no entanto, criar ambiguidades decorrentes da ausência de uma política linguística global ou de um programa de planeamento linguístico de médio e longo prazo. O sucesso e impacto das obras traduzidas não dependerá somente da qualidade dos seus textos/traduções, mas também da capacidade de financiar autonomamente diferentes projetos. Decorridos 17 anos do reconhecimento oficial da língua mirandesa, é

estrategicamente vital que exista uma política sólida e objetiva em matéria do papel da tradução no planeamento linguístico da língua mirandesa.

No final deste trabalho, encontramos-nos face a um conjunto de questões que urge vir a responder no futuro da língua mirandesa, na linha do apresentado por Millán-Varela (2010, pp. 155-172). Que necessidades dos mirandeses foram identificadas quando se tomaram decisões ou opções das traduções escolhidas? Se as traduções permitem a revitalização simbólica de uma língua minoritária, qual é o impacto que estas têm sobre a revitalização efetiva da língua falada e escrita pelos mirandeses? Poderá uma comunidade como a mirandesa sobreviver sem as traduções do ponto de vista multicultural, do contacto com as outras mundivisões? Que tipo de diglossia se promove com as escolhas tradutivas? Quais são as necessidades que devem ser atendidas no contexto das línguas minoritárias na área da tradução e face aos seus tradutores, mediadores e consumidores?

Consideramos que estas serão questões que devem ser amplamente debatidas no seio da comunidade mirandesa e de forma mais institucional no interior da Associação da Língua e Cultura Mirandesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (1992). *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Le Seuil.
- Bourdieu, P. (1998). *O que falar quer dizer*. Lisboa: Lidel.
- Camões, L. V. (2010). *Ls Lusíadas an Mirandés*. (Tradução de Fracisco Niebro). Lisboa: Ancora Editora.
- Casanova, P. (1999). *Le república mondiale des lettres*. Paris: Le Seuil.
- Cooper, R. L. (1989). *Language Planning and Social Change*. Cambridge/ Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Cronin, M. (2003). *Translation and Globalization*. Nova Iorque: Routledge.
- Cunico, S. & Munday, J. (2007). Encounters and Clashes – Introduction to Translation and Ideology. In Cunico, Sonia, & Jeremy Munday. *The Translator, vol. 13, number 2 – Translation and Ideology. Encounters and Clashes*, pp. 141-149. Manchester: St. Jerome Publishing.

- Dantas, M. P. (2007). A tradução literária numa perspectiva sociológica: o aporte de Pierre Bourdieu. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia* (29 de maio a 1 de junho de 2007), Universidade Federal do Paraíba, Recife, Brasil. URL: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=catview&gid=158&limit=50&limitstart=0&order=name&dir=ASC&Itemid=170 (2-6-2016).
- Ferreira, A. (2002). Statuto Jurídico de la Lhégua Mirandesa. *Anclabes lhenguisticos na Union Ouropeia. V Simpósio Anternacional de lhéguas ouropéias i legislaçones* (pp. 65-86). Barcelona: CIEMEN – Centre Internacional Escarré per a les Minories Ètniques ir les Nacions.
- Ferreira, A. (2011). *O mirandês num Portugal e numa Europa diversos – questões de multiculturalismo numa Europa plurilingue*. Comunicação na Escola Superior de Educação de Bragança, IPB.
- Ferreira, A. & Barros Ferreira, M. (2015). Zona Ia. Distrito de Bragança/Miranda (Cultura). In Manuela Barros Ferreira (coord.). *Língua e Cultura na Fronteira Norte-Sul – Bibliografia* (pp. 90-101). Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Hagège, C. (2009). *On the death and life of languages*. New Haven/ Londres: Yale University Press.
- Inghilleri, M. (2005). The Sociology of Bourdieu and the Construction of the ‘Object’ in Translation and Interpreting Studies. In Baker, Mona. *The Translator – Studies in Intercultural Communication*, vol. 11, number 2, pp. 125-299. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Merlan, A. (2009). *El mirandés. Situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portuguesa-española*. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana.
- Millán-Varela, C. (2010). ‘Minor’ Needs or the ambiguous power of translation. In Hogan-Brun, Gabrielle, & Stefan Wolff. *Minority Languages in Europe: Frameworks, Status, Prospects*. Hampshire: Palgrave Macmillan. pp. 155-172.
- Munday, J. (2007). Translation and Ideology. In Cunico, Sonia, & Jeremy Munday. *The Translator*, vol. 13, number 2 – *Translation and Ideology. Encounters and Clashes*, pp. 195-218. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Rodrigues, E. & Ferreira, A. (2011). *A Terra de duas Línguas – antologia de autores transmontanos*. Bragança: Academia de Letras de Trás-os-Montes/ Instituto Politécnico de Bragança/ Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

Sitografia

Biquipédia – L’anciclopédia lhibre. URL:

https://mwl.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_Percipal (31.10.2016).